



OS CENÁRIOS PRODUTIVOS DE PINHAL GRANDE/RS: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

THE PRODUCTIVE SCENARIOS OF PINHAL GRANDE/RS: CHANGES AND PERSISTENCE

LOS ESCENARIOS PRODUCTIVOS DE PINHAL GRANDE/RS: CAMBIOS Y PERMANENCIAS

Ivani Belenice Dallanôra

Mestranda em Geografia/PPGGEO-UFSM

Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa Agrários/ NERA/ CCNE/UFSM

E-mail: ivanidallanora@yahoo.com.br

Meri Lourdes Bezzi

Prof^a Dr^a - Departamento de Geociências da UFSM

Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa Agrária/NERA/CCNE/UFSM

E-mail: meribezzi@yahoo.com.br

RESUMO

Esta pesquisa contribuiu para o estudo da organização/reorganização do espaço rural de Pinhal Grande. Seu objetivo consiste em analisar a dinâmica espacial rural deste local, proporcionadas pelas distintas formas de utilização da terra e inserção do capital. Especificamente buscou-se (a) identificar as principais atividades responsáveis pelo desenvolvimento local; (b) analisar as transformações presentes no espaço, proporcionadas pelas diferentes relações de trabalho e uso da técnica e (c) verificar os reflexos destas transformações no desenvolvimento da agricultura familiar. A metodologia foi organizada em torno das matrizes teóricas e da coleta de dados. Neste contexto, conclui-se que a agricultura está desenvolvida de forma contraditória, marcada por espaços dinâmicos onde predomina culturas comerciais, como a soja, e espaços em que a agricultura familiar “tenta” manter-se voltada para autoconsumo e venda do excedente como forma de agregar renda à propriedade.

Palavras-Chaves: organização espacial; espaço rural; modernização; dualidade produtiva.

ABSTRACT

This research contributed to the study of the organization/reorganization of rural areas of Pinhal Grande. Its purpose is to analyze the spatial dynamics of this rural place, offered by different forms of land use and insertion of the capital. Specifically sought to (a) identify the main activities responsible for local development; (b) analyze the transformations present in place offered by different working relationships and use of the technique and (c) Check the reflexes of these transformations in the development of family farming. The methodology was organized around the theoretical frameworks and data collection. In this context, it is concluded that agriculture is developed contradictory way, marked by dynamic spaces where the predominant commercial tillage such as soy, and spaces in which the family farming attempts to keep, focused on self-consumption and sale of surplus as a way of aggregating income to the property.

Keywords: spatial organization; rural space; modernization; duality productive.

RESUMEN

Esta investigación contribuyó al estudio de la organización/reorganización del campo en Pinhal Grande. Su objetivo es analizar la dinámica espacial rural de este sitio, proporcionada por las diferentes formas de uso de la tierra y la inserción del capital. En concreto se ha buscado (a) identificar los principales responsables de las actividades de desarrollo local; (b) analizar las actuales transformaciones en el espacio proporcionado por las diferentes relaciones de trabajo y el uso de la técnica y (c) verificar las consecuencias de estos cambios en el desarrollo de la agricultura familiar. La metodología se organiza en torno a los marcos teóricos y recolección de datos. En este contexto, se concluye que la agricultura se desarrolla de manera contradictoria, marcado por espacios dinámicos dominadas por cultivos comerciales, como la soja, y las áreas donde la agricultura familiar "intenta" mantenerse en el autoconsumo y venta de los excedentes como manera de añadir ingresos a la propiedad.

Palabras clave: organización espacial; zonas rurales; modernización; dualidad productiva.

1 INTRODUÇÃO

A organização espacial é fruto da ação planejada do homem, o qual, em virtude de suas relações de trabalho, transforma o espaço natural em um espaço socializado, ou seja, o espaço geográfico. Para Castrogiovanni *et al.* (1999, p. 11), “O espaço geográfico é entendido como aquele espaço fruto do trabalho humano na necessária perpétua luta dos seres humanos pela sobrevivência. Nesta luta, o homem usa, destrói, constrói, modifica a si e a natureza”. Do mesmo modo, Corrêa (1986, p. 55) enfatiza que “[...] a organização espacial, ou seja, o conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície da terra, é assim um meio de vida no presente (produção), mas também uma condição para o futuro (reprodução)”.

Ao longo do desenvolvimento da sociedade o homem através de suas ações vai transformando este espaço, materializando seu trabalho social através de suas relações de produção, criando assim recortes regionais com formas, funções e estruturas diferenciadas.

É no meio rural que se desenvolve uma das atividades mais importantes, a agricultura, surgida primeiramente para atender as necessidades de subsistência do ser humano, mas que ao longo do desenvolvimento da sociedade foram sendo alteradas a partir das novas relações de trabalho construídas mediante a evolução da sociedade e das necessidades impostas principalmente pelo capital.

Na sociedade capitalista, o espaço geográfico organiza-se a partir do desenvolvimento da produção, em que o homem através de suas relações econômicas, políticas e sociais vai transformando este espaço e construindo uma nova reorganização espacial, refletidas nos lugares. Para Corrêa (1986, p. 57) “[...] a organização espacial é assim constituída pelo conjunto de inúmeras cristalizações criadas pelo trabalho social”. No espaço rural estas marcas refletem-se de diferentes formas, ou seja, vão sendo mais intensas nas áreas de subordinação do capital e da técnica, produzindo transformações nas relações de trabalho, produção e comercialização, proporcionando uma maior dinamização do espaço em detrimento de outras áreas que não oferecem possibilidades para o processo de materialização do capitalismo.

A ciência geográfica tem entre suas preocupações entender a organização/reorganização espacial, procurando identificar e compreender as distintas estruturas econômicas, provocadas pelo processo de desenvolvimento capitalista nos recortes espaciais locais/regionais.

Nesta perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o processo de organização/reorganização espacial rural do município de Pinhal Grande/RS, identificando as



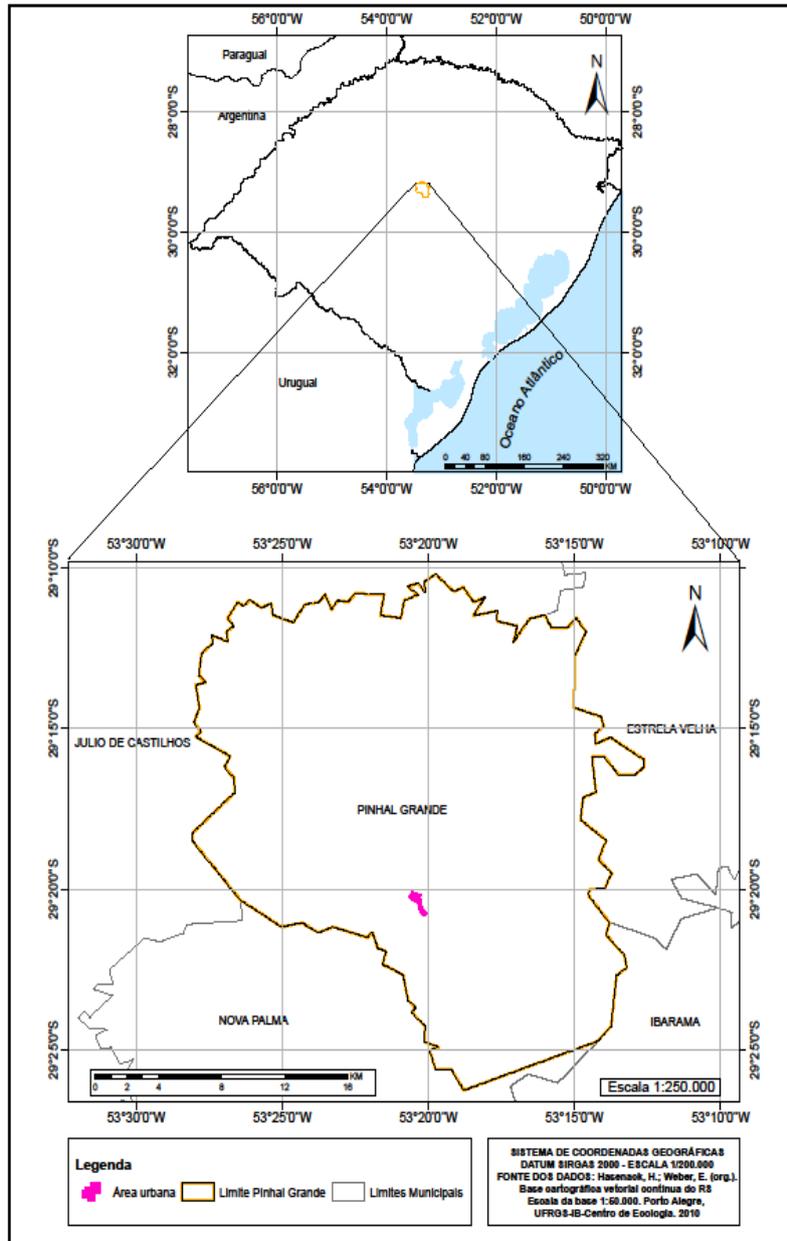
mudanças e permanências presentes neste espaço, proporcionadas pelas diferentes formas de utilização da terra e da inserção da técnica e do capital. Especificamente buscou-se: (a) identificar as principais atividades responsáveis pelo desenvolvimento da agricultura local; (b) analisar as transformações presentes no espaço, ocasionadas pelas diferentes relações de trabalho e uso da técnica e (c) verificar os reflexos do desenvolvimento da agricultura familiar no município.

De acordo com dados do IBGE (2006), Pinhal Grande está inserido na unidade geomorfológica de Planalto Meridional Brasileiro, representado pelas unidades morfológicas da Serra Geral e da Depressão do Rio Jacuí. A maior parte de sua área está enquadrada no Planalto Médio, com uma altitude média em torno de 394 metros, sendo que o setor sudeste do município está posicionado no rebordo do Planalto, no qual ocorre a presença de uma zona de transição do rebordo para o topo do planalto. O relevo neste setor é tipicamente serrano, com vales encaixados (SCHIRMER, 2012).

O município limita-se ao norte com Júlio de Castilhos, ao sul com Nova Palma, a leste com Estrela Velha e Ibarama e ao oeste com Júlio de Castilhos. Sua localização geográfica é 29° 20' 3" latitude sul, 53° 18' 39" longitude oeste. Segundo o IBGE (2006), o mesmo pertence à Mesorregião Centro-Ocidental Rio-grandense e Microrregião de Santiago, juntamente com outros nove municípios. Atualmente a divisão territorial do município está organizada através de localidades, possuindo no município 23 localidades (Figura 1).

A temática da pesquisa busca compreender a organização e ou reorganização espacial do espaço rural de Pinhal Grande, bem como verificar as transformações socioeconômicas resultante da estruturação da matriz produtiva do município nos últimos 20 anos, tendo como a escala temporal o período de 1996-2016.

Desta forma, a relevância do trabalho é fornecer uma contribuição à geografia agrária, envolvendo o meio rural do município, bem como, proporcionar à sociedade e a administração municipal os resultados obtidos para que se tenha conhecimento sobre a importância do espaço rural para o desenvolvimento econômico deste recorte espacial. Também, a partir dos dados busca-se fornecer subsídios aos órgãos gestores para que estes compreendam como ocorre a organização espacial de Pinhal Grande, através das diferentes formas de relações de produção. Neste sentido, através de políticas públicas é possível dinamizar as áreas menos desenvolvidas do município, buscando inserir novas formas de produção e/ou desenvolvimento das já existentes.

Figura 1: Localização de Pinhal Grande no Estado do Rio Grande do Sul

Fonte: Hasenack, H.; Weber, E. (Org.), 2016

Para o entendimento da organização socioespacial da unidade territorial em estudo procurou-se utilizar técnicas de coletas de dados quantitativos e qualitativos, através de fontes primárias e secundárias. O desenvolvimento da pesquisa estruturou-se metodologicamente em etapas. Primeiramente, realizou-se o levantamento bibliográfico a partir de literaturas específicas sobre a temática em estudo para elaboração da estrutura conceitual do trabalho. A segunda fase consistiu na coleta de dados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (fontes secundárias), nos censos demográficos de 2000, 2010 e contagem populacional 1996, 2006 e nos censos agropecuários de 1995 e 2006 e produção agropecuária de 2014. Estes dados permitiram

conhecer a organização espacial de Pinhal Grande e as transformações espaciais ocorridas ao longo da escala temporal analisada. Na terceira fase foi realizada a pesquisa de campo, a partir de entrevistas com a EMATER (fontes primárias), que permitiram identificar a estrutura produtiva atual e conhecer as políticas públicas municipais que estão sendo desenvolvidas no espaço rural. Por fim, na última etapa buscou-se analisar e interpretar os resultados, visando a compreensão da dinâmica produtiva atual do município.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Organização Espacial de Pinhal Grande

O município de Pinhal Grande foi criado em 20 de março de 1992 com uma área de 474,80 Km². Antes de sua emancipação pertencia ao município de Júlio de Castilho, sendo seu 4º Distrito e ao município de Nova Palma.

O processo de ocupação e colonização do município que hoje é Pinhal Grande ocorreu entre 1917 e 1918 pelos descendentes de imigrantes italianos que chegaram à região Central do Estado, povoando e desenvolvendo o cultivo da terra. Os imigrantes contribuíram através das relações de trabalho, ao longo da evolução histórica do município, para a organização e ou reorganização espacial do espaço rural, que de acordo com as distintas formas de relevo, acesso à terra e ao capital proporcionaram uma diferenciação produtiva que pode ser visualizada na atualidade, através do predomínio das pequenas e médias propriedades familiares.

Sua população atualmente é constituída predominantemente por duas correntes imigratórias europeias; a italiana e a lusa, que trouxeram consigo a tradição agropastoril. Ao longo dos anos a distribuição populacional sofreu grandes alterações, conforme demonstra a Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição da população total, urbana e rural no município de Pinhal Grande

Ano	Total	Urbana (%)	Rural (%)
1996	4.358	27	73
2000	4.725	19	81
2006	4.899	39	61
2010	4.471	42	58

Fonte: Censo Demográfico do IBGE, 2000 e 2010. Contagem da população/ IBGE 1996 e 2006.

Org.: DALLANÔRA, I. B, 2016.

É visível a distribuição da população entre a área urbana e rural, demonstrando o processo de êxodo rural e, conseqüentemente, uma reorganização espacial no meio rural. O processo de urbanização poderá estar associado a diversos fatores como os climáticos, estruturais, econômicos e sociais, que serão analisados ao longo deste trabalho.

2.2 A dinâmica econômica de Pinhal Grande

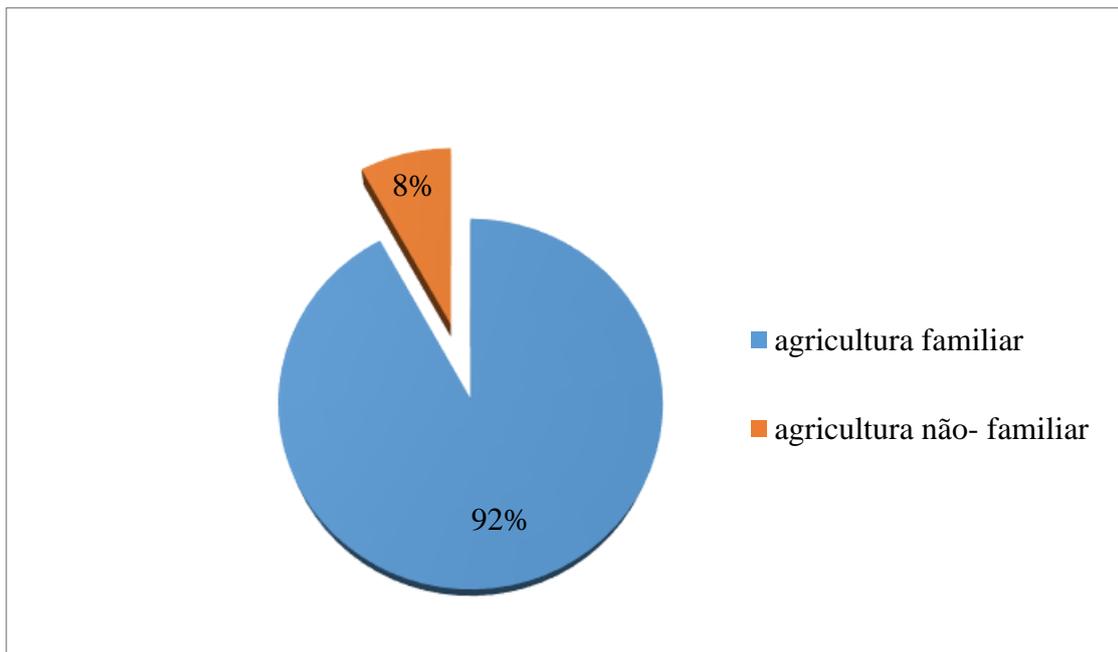
A organização do espaço agrário do município está estruturada através da divisão de duas classes sociais distintas: os agricultores capitalizados, ou seja, aqueles detentores de capital e da posse da terra e os pequenos agricultores que desenvolvem suas atividades agrícolas em áreas de pequenas propriedades. Na primeira categoria social tem-se a presença de agricultores familiares e não-familiares, integrados no modo de produção voltado ao agronegócio. Na segunda, o predomínio do agricultor familiar, que possui suas atividades destinadas ao autoconsumo da família e venda do excedente.

O município está organizado a partir de 23 localidades, sendo que uma delas é formada por uma área de 53 lotes de assentamentos de Reforma Agrária. Entre as localidades rurais atualmente 928 estabelecimentos destinam suas atividades a agropecuária (EMATER, 2016).

Neste contexto, a economia do recorte espacial em análise é baseada no setor agropecuário, tendo a agricultura como principal atividade seguida da pecuária. Também tem destaque o comércio e a indústria os quais são complementares no desenvolvimento econômico do município. Como a agricultura é a atividade predominante, ela é a responsável pelo desenvolvimento das atividades comerciais e industriais existentes no município. Constantemente, seu declínio reflete tanto no setor rural como no urbano.

A organização do setor primário local está estruturada de forma que a agricultura se destaca como a principal atividade e a pecuária de forma secundária. Ambas são desenvolvidas, em sua maior parte, nos estabelecimentos agropecuários familiares, predominantes no município. Neste sentido, a agricultura familiar apresenta-se como aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento e vivem na mesma terra (ABRAMOVAY, 1997). Ela é caracterizada como aquela atividade em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo (Figura 2).



Figura 2: Estabelecimentos agropecuários familiar e não-familiar de Pinhal Grande/RS

Fonte: Censo Agropecuário do IBGE (2006).

Org.: DALLANÔRA, I. B., 2016.

É importante salientar que a agricultura vem se expandindo em Pinhal Grande, sendo que seu desenvolvimento se apresenta bastante dicotômico, pois no município de acordo com dados fornecidos pelo IBGE há o predomínio da agricultura familiar, abrangendo 92 % dos estabelecimentos agropecuário, em contrapartida a agricultura não-familiar ocupa apenas 8 %. Esse fator é que repercute nas formas de organização espacial, sendo que as áreas onde predominam a pequena propriedade familiar, sua maior parte não apresenta grandes transformações, pois é um espaço onde os fixos e fluxos são pouco intensos e a capacidade econômica dos agricultores é precária, limitando-os diante da inserção no processo de capitalização. Quanto a lavoura empresarial, esta apresenta uma maior disponibilidade de recursos, destacando-se através do elevado número de capital fixo, como terras, equipamentos e maquinários, além de uma maior facilidade para financiamentos e outros investimentos.

A Tabela 2 apresenta dados que comprovam o predomínio da pequena propriedade familiar no município, pois com base no INCRA (Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964) ela é classificada quanto a extensão, sendo considerada “pequena propriedade” os estabelecimentos de 1(um) a 4 (quatro) módulos fiscais. Como em Pinhal Grande um módulo fiscal equivale a 35 hectares, as propriedades que possuem até 140 hectares são consideradas pequenas.

Tabela 2: Estrutura das propriedades de Pinhal Grande, RS do ano de 1995 e 2006

Grupo de área total (ha)	1995		2006	
	Estabelecimentos agropecuários %	Área %	Estabelecimentos agropecuários %	Área %
1 a menos de 5	7,28	0,46	9,42	0,52
5 a menos de 10	10,92	1,45	10,12	1,47
10 a menos de 20	20,59	5,37	25,81	7,42
20 a menos de 50	41,18	24,18	38,49	23,45
50 a menos 100	11,48	14,71	7,91	11,11
100 a menos de 200	5,74	15,12	4,53	12,83
200 a menos de 500	1,40	8,76	2,09	11,62
500 a menos de 1000	0,80	11,77	1,16	18,44
Mais de 1000	0,56	18,19	0,35	13,14
Produtor sem área	0,05	-	0,12	-
Total	100	100	100	100

Fonte: Censo agropecuário do IBGE 1995, 2006

Org.: DALLANÔRA, I. B., 2016

Com base nos dados do ano de 1995 e 2006 observa-se que a estrutura fundiária de Pinhal Grande não apresentou significativas alterações. Em 1995, as áreas de pequena propriedade concentravam 91,5 % dos estabelecimentos agropecuários e abrangiam 46,2 % da área territorial do município. Deste modo, 8,5 % das propriedades agrícolas formavam as médias e grandes propriedades, contemplando 53,8 % área territorial. Em 2006, visualiza-se que estes dados não sofreram significativas alterações.

Esta organização espacial, segundo Brum (1988), é reflexo do processo de modernização conservadora da agricultura brasileira que após a década de 1960 visou o aumento da produção e da produtividade agropecuária, a partir do desenvolvimento tecnológico, não alterando sua estrutura agrária e com foco para a implantação da empresa capitalista.

Diante destes dados apresentados é possível inferir que a estrutura fundiária de Pinhal Grande está organizada de forma desigual, sendo que as pequenas propriedades onde predomina a agricultura familiar voltada para diversificação das atividades produtivas possuem a menor área territorial, o que impossibilita o desenvolvimento das práticas agrícolas, sua integração com os mercados regionais e nacionais e sua participação no desenvolvimento da economia do município. Em contrapartida, os agricultores das médias e grandes propriedades são detentores da maior área



territorial, apresentando-se integrados aos mercados, contribuindo para o maior desempenho do setor agropecuário na economia local. Esta estruturação fundiária concentradora não é um processo recente, mas como destaca Silva (1981) caracterizou-se desde a formação da estrutura fundiária brasileira através da concentração da propriedade da terra e a coexistência do binômio latifúndio-minifúndio.

Pode-se afirmar então, que a organização espacial do município é resultado das formas de utilização da terra que se encontra voltada para o desenvolvimento das atividades produtivas. Neste sentido, é possível constatar o predomínio da lavoura temporária que com base nos dados do IBGE vem conquistando, ao longo desses anos, mais de 90 % da terra. Este grande avanço apresentado pelo desenvolvimento das culturas temporárias está diretamente relacionado à diminuição das áreas de pastagem natural e plantadas o que comprova o declínio da atividade pecuarista e a expansão da agricultura no município.

Em relação à Tabela 3 pode-se observar um desequilíbrio em relação a produção dos diversos produtos da cultura temporária no município. Neste sentido, alguns cultivos como a soja e o trigo apresentaram significativo crescimento na área plantada e na quantidade produzida. A cultura da soja apresentou uma expansão de 151 % e o trigo de 300 % em sua área plantada, apresentando variações elevadas na produção e na produtividade. Estas culturas são produzidas, em sua maior parte, na porção norte do município, área localizada na região de planalto, nas quais a potencialidade física, principalmente o solo, favorece a agricultura. Tal fato justifica o predomínio das médias propriedades com culturas voltadas ao mercado interno e externo.

Há que se destacar que o processo de modernização do espaço rural de Pinhal Grande seguiu a mesma estrutura da modernização da agricultura do Planalto Gaúcho que ocorreu após 1970, através do binômio trigo-soja. Brum (1988) salienta que a expansão destas lavouras ocorreu através da incorporação do “pacote tecnológico” que contemplava um conjunto de técnicas inovadoras, baseadas no uso de insumos agrícolas modernos, máquinas, equipamentos, implementos, fertilizantes, defensivos e pesticidas.

Neste contexto, a agricultura desenvolve-se com o objetivo de produzir para abastecer a indústria através da matéria prima, que neste caso é a “soja” e, ao mesmo tempo, transforma-se em um importante mercado para as máquinas e insumos produzidos pela indústria. Esta inter-relação da agricultura com a indústria é o que Brum (1988) destaca como “industrialização da agricultura”.

Tabela 3: Distribuição das culturas mais expressivas no município de Pinhal Grande/RS em 1995, 2006 e 2014

Culturas	Área Plantada (ha)			Produção (t.)			Produtividade Kg/ha		
	1995	2006	2014	1995	2006	2014	1995	2006	2014
Feijão	1.400	1.660	760	637	2790	1.082	911	1.743	1.424
Fumo	619	800	1.000	539	1472	2.100	1.200	1.840	2.100
Milho	3.100	3.700	1.552	6.820	13.320	10.882	3.000	3.600	7.012
Soja	6.500	11.800	16.350	8.905	26.904	54.045	1500	2.280	3.306
Trigo	300	1.680	1.200	486	907	1.800	900	539	1.500

Fonte: Censo Agropecuário do IBGE 1995 e 2006, produção agrícola municipal do IBGE, 2014.

Org.: DALLANORA, I. B., 2016.

As demais culturas temporárias são produzidas ao sul do município onde está concentrado o maior número de estabelecimentos agropecuários, nos quais predomina a pequena propriedade, em áreas de relevo íngreme, o que dificulta a produção mecanizada. Nestas áreas destacam-se as culturas do feijão que obteve uma queda de 84 % e o milho com queda de 94,7% nas suas áreas plantadas nos últimos vinte anos (ver Tabela 3).

Quanto a cultura do fumo, também desenvolvida na porção sul, obteve-se uma expansão em sua área de 61%. O aumento da área plantada do fumo está diretamente relacionado à diminuição das demais culturas, pois o agricultor familiar em virtude da falta de mão de obra e da desvalorização comercial do feijão e do milho foi buscar na produção do fumo a alternativa para manter sua renda familiar. Conforme Tambara (1983, p. 77), “[...] a pequena propriedade é a mais prejudicada pela capitalização do campo principalmente devido a monocultura”. Como há necessidade de plantar o máximo para garantir o lucro, a pequena propriedade, acaba abandonando a lavoura do autoconsumo. Esta organização espacial reflete a grande dependência da força de trabalho do agricultor familiar ao capital, pois este deixa de produzir os produtos alimentícios básicos para sua sobrevivência para atender aos interesses do capital externo e se inserir no processo produtivo.

O expressivo aumento da produção e da produtividade da soja, milho e trigo está diretamente relacionado à inserção das sementes geneticamente modificadas, seguido do uso de maquinários, insumos e defensivos químicos. Todas as etapas da produção, destes produtos, recebem acompanhamento de técnicos disponibilizados pelas cooperativas Camnpal e Cootrijuc, localizadas respectivamente no município de Nova Palma e Júlio de Castilhos. Essas cooperativas prestam assistência técnica a seus associados, visando o aumento da produção e da produtividade,

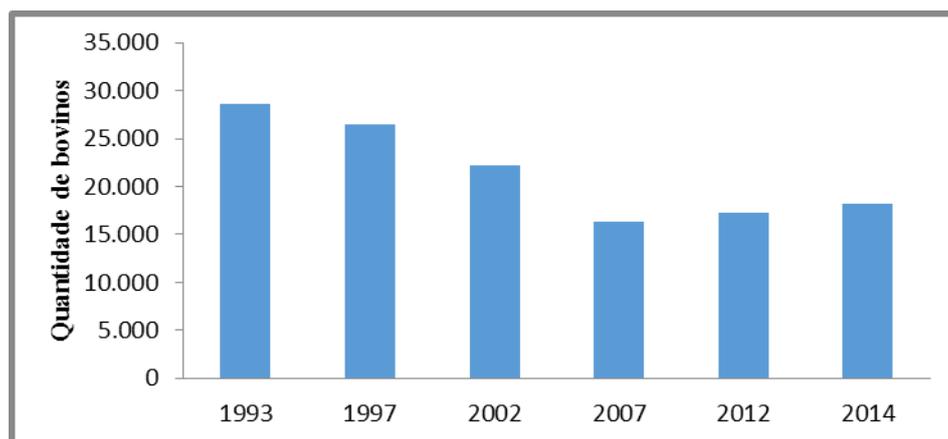


pois recebem toda produção, realizando em parte o beneficiamento do trigo e do milho, enquanto a soja é destinada para a exportação.

Desta forma, é visível a participação do Estado através de políticas de crédito agrícola e das agroindústrias como os viabilizadores do processo de capitalização do campo, redefinindo os papéis desempenhados pelo setor agrícola, através da modernização, visando o aumento da produtividade. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que a agricultura nesta área vem atraindo um grande volume de capital, aumentando sua lucratividade em relação aos demais setores, tornando-se uma atividade voltada a atender o processo de industrialização.

No que diz respeito a pecuária no município, ela é desenvolvida de forma secundária, ou seja, paralela as atividades agrícolas, sendo considerada também como uma forma de agregar renda a propriedade (Figura 3).

Figura 3: Efetivos de bovinos no município de Pinhal Grande nos anos de 1993, 1997, 2002, 2007, 2012, 2014



Fonte: Produção Agrícola Municipal do IBGE, 1993, 1997, 2002, 2007, 2012 e 2014

Org.: DALLANÔRA, I. B., 2016

Analisando os dados do IBGE com relação ao rebanho bovino existente no município ao longo da escala temporal presente, observa-se que ela obteve um decréscimo de 46%. Este fato está diretamente relacionado à valorização da soja no mercado externo, à desvalorização do preço do leite e da falta de estrutura necessária para a ordena e armazenamento correto deste produto, o que levou muitos agricultores a abandonarem esta atividade e cederem suas áreas para a cultura da soja, que tem apresentado crescimento significativo e renda garantida aos agricultores.

É interessante salientar que a pecuária leiteira, atualmente vem se reestruturando no município através das políticas públicas. Assim, foi criado o projeto bacia leiteira chamada “Pró-leite”, desenvolvida com apoio da EMATER e Secretaria Municipal de Agricultura, que visa

estimular os agricultores a retornarem a esta atividade como uma forma de agregar renda a sua propriedade (EMATER 2016).

Quanto a pecuária de corte, esta vem apresentando um crescimento nos últimos anos, sendo desenvolvida principalmente paralela ao cultivo da soja, ambas ocupando o mesmo espaço, destinada para o autoconsumo e venda do excedente no mercado local e regional.

Quanto à ocupação da mão de obra utilizada nas atividades agropecuárias no município, a familiar participa com 78%. A temporária só é utilizada como uma forma complementar nos períodos de plantio e colheita dos produtos. É importante salientar que o trabalho familiar nas atividades agrícolas vem perdendo espaço no interior dos estabelecimentos agropecuários, em consequência da migração de muitos jovens para as cidades vizinhas para prosseguimento de seus estudos. Destaca-se também que a maioria dos jovens não retorna a sua origem. Outro fato evidenciado é que esses jovens acabam procurando emprego em atividades consideradas não-agrícolas como forma de contribuir no aumento da renda familiar. O índice pouco expressivo do trabalho assalariado está relacionado ao elevado avanço da mecanização do espaço rural nas áreas de médias e grandes propriedades e da permanência ainda dos “mutirões” nas de pequenas propriedades.

Esta dualidade produtiva presente no espaço rural de Pinhal Grande reflete diretamente na organização espacial. Enquanto que o desenvolvimento da modernização vem se expandindo na porção norte do município integrando, cada vez mais, a agricultura ao capital industrial, viabilizado pelos mecanismos de créditos agrícolas contemplados pelo Estado, proporcionando maior dinamização socioeconômica, a porção sul possui dificuldades para integrar-se ao processo de modernização. As consequências desta desigualdade produtiva estão relacionadas à declividade do solo, a restrita extensão das propriedades, ao reduzido acesso a mecanização e ao capital. Estes elementos apresentam-se como limitantes para a dinamização deste espaço produtivo.

Deste modo, a porção sul desenvolve-se com restrições apresentando imposições do capital. Como consequência visualiza-se intenso processo de descapitalização do agricultor familiar, que em virtude do grande número de dívidas contraídas ao longo dos anos está sendo obrigado a vender ou arrendar suas propriedades ou migrar para a área urbana do município ou de municípios vizinhos, contribuindo para o processo de êxodo rural.

O desenvolvimento de algumas políticas públicas municipais vem sendo introduzidas no meio rural, visando à dinamização deste espaço produtivo e procurando fixar o homem ao campo. Nesse sentido, segundo a EMATER (2016), destacam-se os projetos voltados para o desenvolvimento da piscicultura “Mais Peixe Mais Renda”; Associação do Vale do Pororó, grupo



informal de produtores de hortifrutigranjeiros; organização de feiras locais para comercialização dos produtos agrícolas, além da pecuária leiteira. Essas iniciativas vêm contribuindo para diversificação das atividades produtivas, principalmente nas pequenas propriedades, visando à geração de renda. No entanto, há também outras organizações que contribuem para a dinamização do espaço rural, como as cooperativas e o sindicato dos trabalhadores rurais que contribuem para o desenvolvimento da produção agrícola e comercialização.

Conforme destaca a EMATER (2016), o município apresenta potencialidades que podem ser exploradas, entre elas destacam-se o turismo rural, a apicultura e a expansão das atividades hortifrutigranjeiras. Acredita-se que a diversificação das atividades agrícolas, a partir da introdução dessas culturas e da dinamização da pecuária, através da suinocultura, do gado leiteiro e de corte, integrados a indústria seria uma alternativa para a integração da pequena propriedade. Assim, as unidades familiares poderiam se tornar menos dependentes das empresas transnacionais, já que a incorporação de novas tecnologias se apresenta incapaz de dinamizar a economia local.

As transformações espaciais são lentas e as dificuldades são muitas, pois além da falta de infraestrutura, os agricultores se deparam com a dificuldade de escoamentos dos produtos, pois as estradas são precárias, principalmente as que ligam as localidades aos centros locais e regionais.

Neste contexto, enfatiza-se que o espaço rural de Pinhal Grande está organizado com base em duas realidades distintas e a dinamização dos cenários produtivos requer um olhar diferenciado para cada área do município, pois os anseios da média e da grande propriedade não condizem com os da pequena propriedade, causando problemas sociais no município e, conseqüentemente, interferindo no seu desenvolvimento.

3 CONCLUSÕES

A realização deste estudo contribuiu para o conhecimento do processo de organização/reorganização espacial rural do município de Pinhal Grande/RS. Este município tem sua economia baseada no setor agropecuário e vem desenvolvendo-se a partir de uma dualidade produtiva, refletindo na reprodução do espaço local marcado por “mudanças” e “permanências”.

Neste contexto, podemos afirmar que o espaço rural do município vem passando por mudanças, proporcionadas pelo processo de modernização da agricultura brasileira. Estas transformações não alteraram a estrutura fundiária do município e as relações de trabalho, mas contribuíram para modificar a estrutura produtiva, produzindo uma dicotomia na organização destas atividades, no acesso ao processo de mecanização e do capital. Deste modo, visualiza-se que o

desenvolvimento da agricultura ocorre de forma contraditória, em que a lavoura mecanizada, voltada ao agronegócio vem proporcionando uma maior dinamização do espaço rural local, enquanto que a pequena propriedade se encontra à margem do processo de capitalização.

O desenvolvimento do sistema capitalista no campo não está abrangendo na mesma proporção todos os agricultores familiares, ficando restritas as médias e grandes propriedades localizadas ao norte do município, as quais vêm apresentando significativas mudanças. Em contrapartida, o sul do município apresenta-se como um espaço em que as relações de produção e de trabalho presentes, não contribuem para a dinamização na organização espacial local. Deste modo, observa-se que a organização das atividades produtivas que possui as culturas voltadas a reprodução do capital obteve uma expansão, enquanto que as destinadas ao consumo local, vem apresentando uma desvalorização, refletindo diretamente nas condições socioeconômicas dos pequenos agricultores familiares.

No entanto, a presença destes cenários produtivos tem o capital como elemento decisivo e responsável pelas “mudanças” ou “permanências” neste espaço.

Pode-se dizer que a maior parte dos agricultores localizados ao sul do município ainda permanecem reproduzindo suas atividades de forma tradicional. A organização espacial e as modificações no sistema de produção desenvolvem-se de forma gradativa, mesmo que o espaço rural tenha apresentado novas estruturas, o que não contribuiu para uma substituição do atual modelo agrícola presente.

Portanto, há necessidade de mudança em relação ao que produzir, como produzir e como comercializar os produtos, pois os agricultores familiares apresentam-se dependentes de um modelo de produção que não visa seus interesses próprios, mas aos interesses impostos por um grupo de empresas que se beneficiam e aproveitam-se da falta de informação dos mesmos. Se essas mudanças não acontecerem a estrutura fundiária do município sofrerá alterações nas próximas décadas, pois ocorrerá decréscimos significativos da pequena propriedade, não em virtude da inexistência de financiamentos e tecnologia, mas em decorrência da desvalorização do produto, da falta de incentivo ao pequeno produtor e da desigual estrutura produtiva. Estes fatores irão colaborar para intensificar os movimentos migratórios do agricultor familiar do campo para o meio urbano, contribuindo para o aumento das áreas de periferias, para os índices de desemprego e pobreza urbana, pois a falta de qualificação profissional e o restrito mercado de trabalho nas cidades auxiliarão no aumento destes problemas sociais.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre. Ed. da UFRGS, 1997.

BRASIL. Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964. Estatuto da Terra. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 30, nov. 1964. Disponível em: [http://<planalto.gov.br>](http://planalto.gov.br) Acesso em: 13 maio, 2016.

BRUM, Jacob Argemiro. **Modernização da agricultura: trigo e soja**. Ijuí: Vozes, 1988.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e Reflexões**. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, AGB, seção Porto Alegre, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Agropecuário**. Disponível em: [http://<www.sidra.ibge.gov.br >](http://www.sidra.ibge.gov.br)Acesso em: 29 abr. 2016.

____. **Censo Demográfico**. [http://<www.sidra.ibge.gov.br >](http://www.sidra.ibge.gov.br). Acesso em: 29 abr. 2016.

____. **Contagem Populacional**. [http://<www.sidra.ibge.gov.br>](http://www.sidra.ibge.gov.br). Acesso em: 29 abr. 2016.

SCHIRMER, Gerson Jonas. **Mapeamento geoambiental dos municípios de Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Nova Palma e Pinhal Grande – RS**. 2012. 156 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

SILVA, José Graziano da. **A modernização dolorosa. Estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TAMBARA, Eleomar. **RS: Modernização & Crise na agricultura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

Recebido em setembro de 2016

Aprovado em novembro de 2016

